

Uma fonte para a História Social de Salvador: as Teses de Doutorado da Faculdade de Medicina da Bahia

*Mario Augusto da Silva Santos
Prof. Assistente da FFCH*

Em anos mais recentes, o estudo da história social da Bahia e na Bahia tem-se deslocado das meras narrativas de costumes e da genealogia dos grupos dominantes e passa a considerar outros temas e outros grupos sociais (1).

Um dos objetos que se apresentam nesta nova ordem de preocupações quanto à história regional é o constituído pelas condições de vida da população de Salvador. Por sua vez, a análise das condições de vida implica em uma abertura de estudos sobre alimentação, moradia, saúde e vários outros indicadores. E é, justamente, no levantamento e seleção de fontes para tais estudos, que encontramos as teses de doutorado da Faculdade de Medicina da Bahia.

A Faculdade de Medicina, velha instituição de ensino superior, no século XIX e início do XX, foi o centro de cultura erudita por excelência da capital baiana, comparável aos cursos jurídicos de São Paulo e Recife. Como núcleo acadêmico quase único, no século passado, sua produção intelectual fora a mais importante da Província. No século XX, a Faculdade de Direito e a Escola Politécnica também atraíam a clientela acadêmica regional, sem que, no entanto, a Faculdade de Medicina perdesse seu posto de primeira

grandeza. Já então, algumas de suas teses passaram a ter como objeto temas de cunho médico-social (2).

Assim, por exemplo, relacionando a incidência de determinadas doenças à classe social das pessoas mais freqüentemente afetadas, à qualidade da moradia, da alimentação, das condições de trabalho, aos costumes em geral, essas publicações testemunham sobre as condições de vida de setores da população que, em outras fontes, desaparecem, justamente porque compõem os quadros dos grupos dominados. Outras oferecem a oportunidade de observarmos alguns traços dos costumes e da mentalidade.

A seguir, relacionamos alguns exemplares de teses portadoras de tal conteúdo, defendidas no período de 1889 a 1930; mencionando autores, títulos e anos de publicação:

- ALMEIDA, José Maria Monteiro de. *A higiene nas habitações da Bahia*. 1915
- ALMEIDA, Luis de Oliveira. *Higiene dos pobres*. 1908
- ANDRADE, Francisco Freire de. *Do valor dos sanatórios na tuberculose*. 1911
- BORBA Jr., Alexandre dos Santos. *Do aleitamento materno sob o ponto de vista médico-social*. 1910
- CALAZANS, Armando de. *Higiene dos quartéis, particularmente dos da Bahia*. 1900
- CHATEAU, Othon. *A higiene nas igrejas*. 1905
- COSTA, Veríssimo Gomes da. *Contribuição ao estudo da higiene das ruas*. 1925
- CUNHA, João Vidal da. *O problema médico do chauffeur*. 1928
- GAMA, Cristovão Colombo da. *Higiene da tuberculose na Bahia*. 1904
- GUIMARÃES, Climério Ribeiro. *Considerações higiênicas relativas ao trabalho*. 1906
- JATOBÁ, Hildebrando de Freitas. *Contribuição ao estudo da mortalidade infantil na Bahia*. 1907
- MATTOS, João Rebello de. *Fatos e aspectos da tuberculose na Bahia*. 1924
- MELLO, João Cavalcanti Ferreira de. *Estudo clínico da peste; notas sobre a epidemia da Bahia*. 1904
- MIRANDA, Manoel Taumaturgo de. *Acidentes do trabalho*. 1909
- PAIVA, Flávio de Oliveira. *A fome*. 1929
- PAIVA, Heitor de Castro. *A higiene dos templos*. 1929
- PEREIRA Filho, Bráulio Xavier da Silva. *O raquitismo na Bahia*. 1927
- PINHEIRO, Domingos Firmino. *O androfilismo*. 1898
- PRATA, Francisco Hora. *Higiene de habitação*. 1918
- REIS, Arnaldo Moreira. *Sobre Higiene do solo urbano*. 1919
- REIS, Cacilda Vieira dos. *Ligeira contribuição ao estudo da sub-alimentação dos lactentes*. 1927
- SARMENTO, Antônio de Paiva. *O suicídio na Bahia*. 1919
- SERRA, Ederlindo da Silva. *Ligeiras considerações sobre a disenteria na Bahia*. 1925
- SILVA, Otávio Torres da. *A cidade do Salvador perante a Higiene*. 1908
- Universitas*, (29): 41-58, jan./abr. 1982

SILVA, Virgílio Pereira da. *Alimentação do so' ' mo*. 1910

SILVEIRA, Carlos Cavalcanti da. *Aspecto social da luta contra a tuberculose*. 1911

SOUZA, Francisco Antônio dos Santos. *Alimentação na Bahia; suas conseqüências*. 1910

VALENTE, Jorge. *Centros de Saúde*. 1927

VARELLA, João Teófilo. *Da carne sob o ponto de vista higiênico*. 1900

Essa lista não esgota toda a produção referente ao nosso universo de interesses nos anos balizados. Ainda há trabalhos sobre aborto, infanticídio e outros assuntos. Contudo, aqui, mencionamos apenas os títulos das obras de cujo conteúdo tomamos conhecimento na medida em que diziam respeito a um projeto de pesquisa que desenvolvemos agora (3).

Mas a apreensão dessas teses como testemunho histórico não se limita ao aproveitamento de suas informações. Pode-se melhor explorá-las a partir de algumas indagações que integram uma crítica documental e, ao mesmo tempo, se constituem em propostas de análises:

1. O tema

A eleição do objeto de estudo de cada uma das teses, sem dúvida, revela uma ordem de preferências que, por sua vez, é sintomática de certos estímulos. Em alguns casos, como a tuberculose, é óbvia a motivação: trata-se de uma doença das mais freqüentes nos obituários da cidade e a que, na qualidade de "moléstia transmissível" (4), maior número de vítimas ceifava. Poderia merecer um enfoque puramente médico, porém, muitas vezes, faziam-se estudos que buscavam vincular a doença a fatores sociais: níveis de renda, tipo sócio-profissional, tipo de moradia etc. É em trabalhos como estes que os autores demonstram maior sensibilidade aos problemas das condições de vida da cidade.

Evidentemente, a escolha de um assunto qualquer pode ser condicionada por variáveis fortuitas e imponderáveis, mas quando os temas aparecem não isolados, porém em conjunto, há de se levar em conta uma ordem de influências gerais que fogem ao mero exame do arbítrio individual e que se devem colocar em um quadro de referências: a biografia dos autores; a realidade histórica em que eles vivem; as idéias que circulam em tal momento.

2. Os autores

Os exemplares das teses registram, após o nome do autor, sua naturalidade, filiação e ano de nascimento. Mas estes dados são insuficientes para uma caracterização social. Faz-se necessário o conhecimento da família de origem através de certos indicadores como profissão dos pais, status na sociedade, renda, etc. Isto se se trata de autores que, na época da conclusão do curso, eram apenas estudantes. Se já exerciam alguma outra atividade produtiva, deve ser esta determinada e eles enquadrados em tipos sócio-profissionais. Em alguns casos, pode-se chegar até ao exame da

atividade política, institucional ou não.

Para a elaboração de resenhas biográficas dos autores, as fontes a consultar seriam: os registros de matrícula dos alunos, caso a Faculdade de Medicina ainda os possuía; a imprensa local, principalmente em se tratando dos naturais da Bahia e/ou os aqui radicados.

A necessidade de uma caracterização social dos autores, vinculando-os a estratos da sociedade, decorre de se tomar como premissa que a produção intelectual sobre o social sofre os condicionamentos do tempo e do meio social em que se realiza.

Esta, como se vê, ainda é uma questão aberta, a solicitar pesquisas.

3. *A questão social em Salvador*

Não nos cabe examinar neste momento os vários ângulos dos problemas sociais da cidade do Salvador. Daremos apenas um esboço de seus traços marcantes.

No primeiro período republicano, a capital baiana era habitada por uma população cujos setores majoritários se viam afligidos cotidianamente pelas necessidades mínimas de sobrevivência: alimentação e habitação caras e de baixa qualidade; serviços de infra-estrutura urbana deficientes ou inexistentes. Ao longo do período houve uma tendência geral para o agravamento dessas dificuldades. Frequentemente, a cidade era assolada por doenças epidêmicas, enquanto outras assumiam caráter endêmico. Muitas das incidências se relacionavam às condições precárias de saúde pública, por sua vez, determinadas pelas condições de vida.

Outro aspecto da questão social, e este fundamental, era o trabalho. Salvador não conhecia as grandes concentrações de mão-de-obra industrial. Sua população ativa compunha-se principalmente de um grande número de artesãos, empregados em oficinas dispersas; uma menor proporção de operários fabris; empregados no terciário, desde os trabalhadores do mar e caixeiros do comércio até vendedores ambulantes. Todos, porém, sofriam as agruras das remunerações que se situavam abaixo do custo de bens e serviços mínimos indispensáveis. Tanto os salários quanto outras condições de trabalho ficavam a arbítrio dos patrões, à falta de leis regulamentadoras, como, aliás, em todo o país.

Sem dúvida, as teses da Faculdade de Medicina aqui tratadas são uma resposta ao estímulo da questão social. Algumas a descrevem parcialmente, enquanto outras vão mais além e preconizam soluções.

4. *As idéias*

São por demais conhecidas as idéias que sobre a questão social circulavam no mundo ocidental e nos países periféricos. Observe-se apenas que o liberalismo, já contestado havia muito, ainda encontrava fiéis adeptos nas classes dominantes das várias regiões do Brasil. Mas também já chegavam aqui as proposições reformistas dos socialistas utópicos, dos

socialistas cristãos, dos socialistas de Estado, dos mutualistas e dos cooperativistas de todos os matizes. Também os programas revolucionários dos marxistas e dos anarquistas - libertários ou sindicalistas - tinham alguns seguidores, conseqüentes ou não, ortodoxos ou heterodoxos.

Muitas das teses nos deixam perceber que algumas dessas idéias se acham presentes no universo mental de seus autores, seja na concepção da propriedade, da estratificação social, seja nas soluções que apontam para os problemas estudados.

Assim, tendo esse quadro de referências, passemos ao exame do conteúdo de alguns exemplares das teses aqui arroladas, agrupando-os conforme sua temática:

1. *Alimentação e habitação*

Em *Higiene dos pobres*, defendida em 1908, Luis Oliveira de Almeida ocupa-se dos "pobres" que, às vezes, denomina de "proletários", em três aspectos de suas condições de vida: alimentação, habitação e vestuário.

Este autor encontra os fundamentos dos desníveis econômicos e sociais em uma

"... injustiça divina, fazendo uns fortes e poderosos, outros fracos e amesquinados".

Apesar de transferir para além da história a explicação das diferenciações de classes, preconiza amenizá-las mediante propósitos assistenciais, cujo fim último é moralizante: impedir as "terríveis degradações morais" do "organismo social".

Quanto à alimentação e outras práticas que contrariavam normas higiênicas, imputava responsabilidade aos médicos e aos comerciantes: os primeiros porque, ao invés de prevenir, tentavam apenas remediar; os segundos porque exploravam a boa fé dos consumidores. O comerciante referido é o retalhista, identificado pelo autor como

"imigrantes, visitas dispensáveis e prejudiciais porquanto só vêm contaminar o nosso meio ... esses gringos de taverna..."

Aqui, ele, claramente, denota ter assimilado uma forma de xenofobia freqüentemente manifestada na época e que atuava como mecanismo de canalização da cólera social contra a figura do comerciante varejista espanhol. Este predominava na venda ao consumidor de gêneros alimentícios, dentre os estrangeiros. Mas era numericamente superado pelos brasileiros (5). Contudo, a grande imprensa muito se utilizava desta válvula de escape, quando de episódicas demonstrações de descontentamento contra a distribuição de gêneros de primeira necessidade, o que era um dos recursos para se impedir que fosse desmascarado o próprio sistema de abastecimento. Portanto, a tese reedita um estereótipo forjado pela classe dominante.

Os termos "pobre" e "proletário" são empregados de modo vago, impreciso e alternativamente. Na seguinte passagem é onde chega mais

próximo de uma definição econômica do "pobre":

"... nosso pobre ... é sempre carregado de filhos, e compreendemos quão difícil ou mesmo impossível é fazer economias que cheguem para o seu alimento e para as vestes com que deve proteger o seu corpo.

Contudo, todo o pequeno lucro do seu esforço, do seu labor é gasto de preferência em seu alimento ..."

O "pobre" aí mencionado, pois, é aquele que trabalha apenas para a subsistência alimentar.

Após descrever a precariedade da moradia dos "pobres", propõe a criação de "vilas operárias", nos moldes das que se erguiam em São Paulo, não se especificando se a iniciativa deveria partir da empresa privada ou do governo.

Aponta o sul do país (São Paulo ao Rio Grande do Sul) como área contrastante com a Bahia porque, ali, supunha o autor, não existiam grandes desníveis econômicos e sociais.

Acreditava que a diferença entre o proletariado do sul e o do norte residia no fato de ser o primeiro predominantemente estrangeiro e o segundo "genuinamente brasileiro". Entre eles, indica uma diversidade de níveis de consciência de classe:

"Um que exige o que lhe é devido, outro que é explorado na sua ignorância".

Não esclarece, contudo, os fatores que condicionariam a diferença: o ser "genuinamente brasileiro" implicaria numa acomodação "natural" de uma "índole pacífica e ordeira", conforme o modelo retórico brandido "ad nauseam" na imprensa e outros escritos da época? ou a "ignorância", isto é, carência de instrução regular e, mais ainda, o alheamento dos movimentos reivindicatórios que os estrangeiros do sul traziam de seus países de origem, a incipiente e deficiente organização seriam os condicionamentos de uma aparente passividade? O autor deixa de lado as situações concretas da industrialização, o grau de concentração da mão-de-obra e a organização para a resistência.

No final, conclui que a melhoria das condições de vida dos "pobres" da cidade teria de vir de cima para baixo, isto é, concedida pela classe dominante, às quais endereçava um convite para um movimento humanitário:

"Não é um grito de revolta que deixamos nestas modestas linhas. será antes um apelo humanitário aos corações empedernidos pelo egoísmo ou comodismo" (6).

Publicada no mesmo ano de 1908, a tese de Otávio Torres da Silva, intitulada *A cidade do Salvador perante a Higiene*, desenha a fisionomia urbana em traços que compõem um quadro de precariedade de serviços de toda ordem. A seguir, trata das "habitações privadas da pobreza", onde se inclui a "classe média" e a "pobreza propriamente dita". O autor não estabelece os critérios de distinção de classes. Identifica-as pela ausência da propriedade imobiliária e diferencia-as pelo grau de qualidade da moradia. Também se irmanavam por serem ambas vítimas dos senhorios associados

ao Poder:

“Nas habitações privadas desta Cidade, não se nota higiene, tanto no exterior como no interior, não só pelos construtores como também pelos proprietários ... O Município, que tem sua repartição de higiene, quer que tire sua licença, da qual ali fica um rendimento; o oficial quer o seu salário, e o proprietário, a única mola que o impele é a presteza do acabamento da obra ... ; e, depois de tudo isto, os pobres hóspedes, ou inquilinos que paguem, com os próprios organismos, o pesado tributo à *tuberculose* ... porque os proprietários só têm o capricho de fornecer em suas propriedades miséria e mais misérias às vítimas de suas extorsões ...”.

A solução apresentada é influenciada pelos exemplos da França, Bélgica e Inglaterra na construção de casas baratas, cujo aluguel seria uma amortização de hipoteca, plano do qual ressaltam sugestões de socialismo de estado e de cooperativismo.

Otávio Torres da Silva foi suficientemente lúcido e prático ao denunciar o caráter inócuo da Liga Baiana Contra a Tuberculose que lutava contra a doença, quando suas causas sociais permaneciam intocáveis. Por isto, propunha um programa básico: barateamento de alimentos de primeira necessidade; regulamentação do trabalho; construção de bairros operários; proteção às crianças, aos velhos e aos inválidos. Sem chegar a pormenorizar o plano, demonstra que sua visão de higiene pública está permeada por idéias de justiça social e de um sistema previdenciário de assistência a dependentes, já em prática em outros países. Note-se ainda que, até o fim do período aqui estudado, associando tuberculose e deficiência alimentar como faziam todos, foi o único a sugerir uma medida para solucioná-la - o barateamento dos gêneros (7).

Estudando a mortalidade infantil, em 1907, Hildebrando de Freitas Jatobá preconizava uma política de assistência ao proletariado, mormente no que tangia ao setor habitacional, construindo-se casas adequadas em locais afastados do centro urbano e, paralelamente, favorecendo-se meios de transporte rápidos e baratos (8).

Vinte anos mais tarde, Cacilda Vieira dos Reis tratava de tema correlato - a desnutrição infantil. Mostra-se perplexa diante de os “benefícios” da Liga Contra a Mortalidade Infantil não evitarem os muitos óbitos de crianças, em sua maioria, causados por doenças do aparelho digestivo. A autora os atribui à sub-alimentação, cujas causas se diferenciavam por classes sociais: nas “classes abastadas”, era o temor de que o aleitamento deformasse os seios das mães; na “classe proletária”, era o trabalho que obrigava as mães a passarem o dia fora do lar (9).

O raquitismo infantil, verificado por Bráulio Xavier da Silva Pereira Filho, no Hospital Santa Isabel, é atribuído pelo autor à deficiência alimentar predominante na “classe proletária”. Informa a tese que seu interrogatório sobre as condições habitacionais dos pacientes revelara sempre a sua permanência em locais carentes de ar e de luz (10).

Nessas três últimas teses não se vêem influências socialistas, mas apenas uma sensibilidade dos autores para associar tipos de doenças e classes

sociais, com dois indicadores básicos dos consumo: alimentação e moradia.

De todas as posições assumidas nas teses de doutoramento que trataram de problemas sociais, a que mais radical se apresenta é a de Flávio de Oliveira Paiva, em *A fome*, datada de 1929.

Aos referir-se aos grandes centros urbanos, clama contra o flagelo da penúria e da fome que se abatia sobre suas populações, resultante do excesso de trabalho e de salários injustos. Em breves palavras, descreve as necessidades alimentares e habitacionais do proletariado, inferindo que tudo se devia à exploração de trabalho pelo capital:

“Tudo porque lhes roubam as forças aos poucos em troca de algumas migalhas de pão negro. Extorquem-lhes a seiva da vida aqueles que possuem a terra, as indústrias, as máquinas e arrancam-lhes o vigor da descendência não lhes pagando nada, pagando-lhes mal, em proveito do seu capital crescente.

Disto inquire-se ser o capital um roubo, pois o labor honesto não dá senão a manutenção própria: aquele que conseguiu, em qualquer ramo de atividade comercial, empilhar moedas, enceleirar ouro, se não o fez às custas do estiolamento de si mesmo, tirou-o ao braço carecido e, por isto, mal remunerado. Permitido pela lei ou não fiscalizado por ela, seja como for, o capital é roubo”.

Essa condenação do sistema capitalista, de vago sabor proudhoniano, não é seguida, entretanto, de nenhuma alternativa. Oferece-se apenas um recurso para corrigir aspectos de injustiça mais gritante:

“Pagar o seu justo valor o trabalho de cada um. Eis um passo a ser dado em prol do utilitarismo universal” (11).

2. Condições de trabalho

Duas teses que trataram do trabalho nos fazem perceber mais claramente as influências de idéias coletivistas: *Considerações higiênicas relativas ao trabalho*, de Climério Ribeiro Guimarães; *Acidentes do trabalho; estudo médico e judiciário*, de Manoel Taumaturgo de Miranda. Foram escritas em 1906 e 1909, respectivamente.

Ambas traduzem simpatia e interesse pelos operários que apresentam como vítimas: a primeira, das “iniquidades sociais”; a segunda, mais explicitamente, do governo e dos patrões.

A tese de Climério Guimarães trata do trabalho sob os aspectos econômico, físico e moral. Ao tentar defini-lo, cita o utópico Fourier, para quem o trabalho seria um prazer, se obedecidas certas regras sobre duração da atividade, incentivo de elegância e asseio do ambiente, ajustamento de funções ao sexo, idade e aptidões individuais. Notam-se algumas ambigüidades conceituais porque o autor ora toma o termo *trabalho* num sentido restrito do materialismo dialético, em oposição a *capital*; ora em sentido mais abrangente, confundindo-o com setores econômicos - agricultura, indústria e comércio; ora como sinônimo de qualquer atividade humana - econômica, artística, etc.

Tratando da influência da alimentação sobre o trabalho, o autor cita experimentos realizados no exterior sobre o aumento da produtividade dos trabalhadores submetidos a regimes dietéticos especiais.

No capítulo consagrado à *Influência no trabalho da regulamentação social*, apontam-se os fatores favoráveis:

“... o saneamento urbano, a habitação e lugares onde costuma viver o homem, a matrimonialidade, a boa emigração, a pena de morte, a regulamentação da prostituição, a assistência pública, a instrução e a educação, meios garantidores da sociedade, a socialização médica, a iniciativa dos governos, favorecendo as indústrias que ministram trabalho à pobreza”.

Preconiza jornada que proporcionasse divisão equitativa das horas do dia, mostrando-se, a este respeito, conhecedor da legislação da França e da Inglaterra. Denuncia a exploração do trabalho dos caixeiros de tavernas que cumpriam jornadas de 5 da manhã até 1 ou 2 horas da madrugada.

Entusiasta do mutualismo, cita os exemplos das “caixas profissionais” da Alemanha. Ao mesmo tempo, toma partido pela intervenção governamental: na dispensa de favores à indústria porque se ampliaria o mercado de trabalho; na assistência pública; na construção de unidades habitacionais, mirando-se nos exemplos de Londres e Anruérpia; na proteção do trabalho feminino, como França, Inglaterra e Alemanha que o proibiam nos últimos meses da gestação. O socialismo de estado alemão exercia-lhe forte atrativo: pensões estatais, indenizações, seguros contra doença, etc.

Aconselha a criação de escolas noturnas para o “filho do pobre” e para o “artista” (artesão).

Reconhece a oposição capital X trabalho:

“... pauperismo moderno, criado pelas organizações do trabalho, vencido pelo capital na luta contra a grande indústria”.

Mas condena a ação revolucionária:

“... aos socialistas incendiários e aos anarquistas destruidores, numa lamentável desorientação ... a cometerem os mais hediondos atentados que, tristemente, registram as estatísticas e em que, desgraçadamente, geme a velha e civilizada Europa ...”.

Climério Ribeiro Guimarães, em conjunto, é conservador, moralista, e um anti-liberal hesitante, que vê, na intervenção do Estado, mediante a proteção legal ao trabalho e os incentivos indiretos, o meio de amenizar as injustiças sociais (12).

Manoel Taumaturgo de Miranda propõe que sua tese seja

“... um brado altissonante, um protesto veemente contra essa inércia, essa covardia daqueles que deviam zelar pelo bem-estar da classe operária; - a única que, no nosso País, não goza de nenhum direito, de nenhum privilégio, de nenhuma garantia, quer por parte do governo, quer por parte das empresas e patrões, para quem trabalha acuradamente, inteligentemente”.

A seguir, descrevem-se as condições de trabalho e moradia, salários e

alimentação dos operários. Explica-se a permanência de tais condições pela "culpa total dos poderes públicos e pela ignorância da classe", sem escolas primárias nem profissionais.

O autor concebe, no Brasil, uma estratificação da sociedade nas seguintes classes: *governativa* (presidente da República e presidentes ou governadores de Estados); *parlamentar* (senadores, deputados e conselheiros municipais); *judiciária*; *armada*; *eclesiástica*; *bacharéis e médicos*; *úteis e secundas* (professores, engenheiros, comerciantes, industriais, jornalistas e intelectuais); *em transição* (caixeiros e estudantes); *operários*.

Tal estratificação é construída a partir dos indicadores de poder político, status e profissão: as cinco primeiras seriam as privilegiadas, as dominantes, compartilhando entre si o poder. O critério econômico não é levado em conta. As classes dos *bacharéis e médicos e úteis e secundas* poderiam erguer-se ao nível das primeiras quando seus componentes a elas se aliavam por adquirir "fama e fortuna como advogados chicanistas e médicos baratos de alguma localidade sertaneja que se tornam manda-chuvas ou cabos eleitorais e procuram cargos remunerados do governo, o que vem a dar no mesmo ...". O mesmo de referência às *úteis e secundas* quando "se deixam arrastar pelas conveniências político-partidárias". As classes *em transição* englobam os que viviam uma situação de ascenso às anteriores. No caso dos caixeiros, está implícito que o autor aceita como fatal que se transformem em comerciantes, endossando um estereótipo das expectativas de mobilidade social da época. Por outro lado, desta mobilidade é vista apenas a ascensão e não o descenso.

Apesar de um modelo de estratificação impreciso, confuso mesmo, o autor não deixa de perceber uma associação entre o capital e o controle político, compondo uma situação de domínio sobre o operariado:

"... os patrões, unidos aos políticos por interesses e negócios inconfessáveis, coagem os operários; - ou votam em fulano ou são despedidos".

Também aponta os componentes de riqueza e prestígio familiar no poder:

"Mas quem são os indivíduos que, geralmente, têm em suas mãos esses poderes?

São indivíduos nulos, imbecis, ignorantes, que simulam aptidões que absolutamente não possuem; são homens que sobem às altas culminâncias da política pela força da bajulação; do dinheiro, sempre mal adquirido; do nome de uma família, as mais das vezes rica *nobre*, feliz e detestavelmente célebre; ...".

Este autor é anti-positivista, anti-militar e anti-clerical. Dizia estar a origem dos problemas do país em uma República feita por

"... militares e positivistas e na qual predomina, de modo evidentemente excessivo e maléfico, o elemento religioso-católico clerical ...; onde se gasta mais dinheiro com o exército e as polícias do que com a Instrução; ...".

Menos "humanitarista" e moralista do que o autor anterior, este, ao tratar do trabalho, visa a um fim último utilitarista, a indústria, que, no seu

entender, não se poderia soerguer sem o prévio soerguimento dos operários:

“Que mostra o Brasil quando o seu operariado é sem valor e sem garantia e por isso mesmo sua indústria está ainda na infância?!”.

Assim como a precedente, esta tese inspira-se na regulamentação do trabalho em países europeus, Estados Unidos, Japão, Austrália, Argentina e Chile. Ao estudar seu objeto, usa, para ilustrar suas afirmativas, estatísticas estrangeiras.

Ao final, Manoel Taumaturgo de Miranda, propugnava por uma mudança nas práticas políticas - cuja denúncia mais veemente o faz um pouco original junto aos demais autores - para, daí, chegar-se à regeneração do operariado, a ser concedida pelo governo, mediante a criação de institutos legais de proteção ao trabalho e fomento à instrução. A crença na instrução como uma espécie de panacéia universal, que se revela em muitos exemplares do discurso reformista na Primeira República (13), tem aqui um seguidor entusiasta:

“Dai instrução ao operariado brasileiro e vê-lo-eis ativo e sereno e forte despedaçar as algemas que hoje o prendem” (14).

3. Tuberculose

As teses que tratam da tuberculose, na verdade, nos reconduzem ao terreno trilhado pelas anteriores: as condições alimentares, habitacionais e de trabalho. Isto porque, no estudo dos fatores etiológicos da doença, os autores dão prioridade àqueles de ordem social.

Em 1904, Cristovão Colombo da Gama apontava condicionamentos que predispunham a população de Salvador à tuberculose: raça, umidade atmosférica e tipo de habitações. Os dois primeiros seriam “naturais”, mas ao estudar o indicador racial, associava a “pouca resistência da raça negra” à sua situação de “classe mais baixa”. Assim, apesar da primazia do componente étnico, via-se uma coadjuvância de elementos econômicos e sociais. Ajuntavam-se, portanto, a alimentação e as moradias precárias. Denunciava-se a ganância dos proprietários imobiliários na construção e manutenção de casas praticamente inabitáveis, conforme os mandamentos mais elementares da higiene. Denunciava-se o poder como responsável pelo uso de moradias à margem dos benefícios da infra-estrutura urbana. Denunciava-se o ambiente de trabalho sem ventilação e aparelhos sanitários e ainda o costume muito difundido no comércio a varejo de dormirem os empregados no próprio recinto em que as mercadorias eram armazenadas e postas à venda.

Assim, embora primordialmente racista, este autor não obscurece a participação ponderável dos componentes de classe na difusão da tuberculose entre os indivíduos de “raça negra”, que, como outros notariam, compunham majoritariamente o grupo destituído por excelência. (15)

A visão de Carlos Cavalcanti da Silveira já se patenteia no título de sua tese: *Aspecto social da luta contra a tuberculose*. Para ele, a eliminação do mal estaria condicionada à extirpação dos seus “fatores etiológicos de

ordem puramente social': a insalubridade das habitações, a deficiência alimentar, o excesso e os ambientes inadequados de trabalho, o alcoolismo, a ignorância dos preceitos mais rudimentares de higiene. Há uma passagem de suas considerações que sintetiza esta linha de pensamento:

“A desigualdade social dos indivíduos se encontra em todas as moléstias; mas é em face da tuberculose que se acentua de um modo característico”.

Sem mencionar as fontes informativas e o procedimento metodológico, este autor apresenta percentuais de incidência da tuberculose segundo grupos profissionais. (16)

Do mesmo ano que a anterior, data a tese de Francisco Freire de Andrade, que, embora não tão explicitamente quanto aquela, condiciona a freqüência da tuberculose a fatores da mesma ordem.

Aqui merecem destaque duas críticas:

a) A contestação da política oficial de imigração voltada para o favorecimento do braço estrangeiro, que, no seu dizer, “custava rios de dinheiro”, enquanto “deixam os nossos patrícios morrerem de tuberculose e misérias”.

b) A não aceitação das estatísticas brasileiras por “mentirosas”. Chama-nos a atenção para a falsidade dos dados oficiais sobre a tuberculose porque, muitas vezes, o médico não informava o diagnóstico exato para não chocar o paciente e, no atestado de óbito, não registrava a doença como “causa mortis” para não desagradar a família. (17)

Para o historiador, esta observação é importante como elemento de crítica das fontes estatísticas e como contribuição informativa sobre a mentalidade da época.

O trabalho de João Rebelo de Matos, *Fatos e aspectos da tuberculose na Bahia*, preocupa-se com um procedimento estatístico que pudesse demonstrar a hipótese do aumento da incidência da tuberculose de 1898 até 1924, ano em que foi apresentado. Apesar de endossar os números oficiais de população, mortalidade geral e mortalidade por tuberculose, indiretamente, os critica ao afirmar que, se fosse ampliado o serviço de profilaxia, aumentariam as notificações, o que, em outras palavras, significa: as estatísticas elaboradas escondiam e subestimavam uma real freqüência pelo puro e simples desconhecimento dos casos.

Seu estudo toma as variáveis de estações do ano, raça, sexo, estado civil, idade e profissão. Retomando o fator racial, inverte os termos nos quais a questão vinha sendo colocada: ao verificar que a tuberculose apresentava maior incidência entre os “pardos ou mestiços”, conclui que isto decorria de ser este o tipo étnico predominante. A “raça preta”, que, no seu cômputo, seria o grupo minoritário, vinha em segundo lugar em ordem de mortalidade por causa do componente socio-econômico.

As notificações estudadas por este autor no Dispensário Ramiro de Azevedo, nos anos de 1923 e 1924, revelam uma amostra da relação quadro profissional - tuberculose. A partir daí, foram estabelecidos os condicionamentos do exercício ocupacional, condições de trabalho e os níveis de

rendimento como fatores predisponentes à tuberculose (18).

4. Outros temas

Sem uma ligação direta com a "questão social", que é basicamente a questão do trabalho, ainda merecem ser mencionadas duas teses que interessam ao historiador social porque são depoimentos raros, acreditamos, sobre alguns aspectos do comportamento na época e porque também oferecem mais indicações sobre a mentalidade dos próprios acadêmicos. Uma é o estudo do suicídio, e outra, do homossexualismo masculino.

O suicídio na Bahia, de Antônio de Paiva Sarmento, vale-se do arrolamento das ocorrências de morte auto-inflingida durante 7 anos na cidade e relaciona-as à "raça". Conclui-se que o suicídio é mais praticado pelos indivíduos de "raça branca", e o autor demonstra sua perplexidade diante do que lhe parece uma contradição: um recurso que se afasta dos "bons princípios de educação física e moral" ser utilizado mais amiúde por aqueles de quem se poderia esperar a observação de tais princípios, componentes de "uma classe mais elevada em todos os pontos de vista". Ao final, confessa não saber explicar a aparente contradição.

Neste trabalho transparecem claramente preocupações racistas e moralizantes (19).

Em 1898, apareceu uma tese cujo assunto não foi retomado até 1930. Intitulava-se *O androfilismo*, escrita por Domingos Firmino Pinheiro, e versava sobre o homossexualismo masculino em geral e sua prática na cidade do Salvador.

A nosso ver, a importância deste estudo reside no pouco que pode revelar sobre formas de reagir da sociedade da época a um comportamento que fugia às normas de conduta e aos valores vigentes.

O autor afirma que, em Salvador, como em outros lugares, as "cenas androfilicas" se passavam em "todos os andares sociais". É interessante notar que este é um dos poucos trabalhos que se preocupam com uma explicitação metodológica. Diz ter procurado obter "dados práticos, autobiográficos, bilhetes etc." Transcreve duas cartas trocadas entre pessoas observadas e, em cada caso, indica: cor, profissão, grau de instrução, estado civil, às vezes status econômico e grau de prestígio social, além dos antecedentes médicos. É neste momento que a rese fornece indiretamente algumas indicações sobre as formas de reação em distintos grupos da sociedade. Assim, informa ter tido o autor extrema dificuldade em fazer observações diretas na "elite e na classe média", que lhe respondiam com "impropérios e lições de moral". Por outro lado, teve maior receptividade entre as "classes inferiores".

No seu entender, a recusa de algumas pessoas a responder sobre o assunto se devia ao fato de ser o homossexualismo considerado um "vício moral", quando, para ele, não passava de uma questão médica. Contudo, tentando visualizar o horizonte mental do próprio autor, observamos que, enquanto afirma descartar da Ciência considerações de ordem moral, ele próprio apresenta 19 histórias de vida para que o leitor contemple "quão

miseravelmente lúgubre é o quadro prático do amor androfilico''. Suas amarras morais são por demais evidentes (20).

Após essa exposição sobre o conteúdo dos quatro grupos temáticos, ressaltemos alguns pontos:

1º) Observa-se uma concordância quanto à precariedade da alimentação, da moradia e dos serviços de infra-estrutura urbana; quanto às más condições de trabalho, desde as jornadas até a remuneração; quanto ao caráter "social" de doenças que mais afetavam a população.

Em geral, as afirmativas dos autores parecem basear-se em visões impressionistas da realidade, sem maiores cuidados com o método ou, ao menos, indicação de fontes. Alguns poucos denotam uma preocupação estatística. Por esse "impressionismo" generalizado, compete ao historiador adotar uma postura de crítica cautelosa diante dos dados oferecidos por muitas destas teses, se quiser tomá-las pelo seu valor informativo.

2º) A compreensão da existência de uma "questão social" por trás da salubridade pública está presente em todos os autores analisados. Esta questão se contrapõe a um pano de fundo de injustiças, de oposições de classes entre si, de composição classista do Poder. E todos eles, ao preconizarem soluções, se afastam, uns mais e outros menos, do modelo liberal, revelando influências de doutrinas socialistas reformistas.

3º) Impõe-se a necessidade de um exame mais detido do nível de consciência destes autores. Trata-se, sem dúvida, de uma consciência reformista. Até que ponto ela vai, nos dizem as soluções propostas. Mas onde assentam seus limites?

Por que, por exemplo, a tese *A fome*, de Flávio de Oliveira Paiva, contestando o sistema capitalista, nenhum projeto apresenta?

O questionamento de aspectos parciais do sistema pode ser tomado como indicador de uma democratização da Faculdade de Medicina, do ponto de vista do recrutamento de sua clientela em outros grupos da sociedade que não exclusivamente nos da classe dominante, conforme comumente se afirma em relação ao século XIX?

Indagações como essas permanecem em aberto e a elas só poderemos responder após realização de pesquisas que nos esclareçam sobre as estruturas mentais dos autores, seus condicionamentos ideológicos, mediante a reconstrução de suas biografias.

4º) Alguns traços ideológicos são facilmente detectáveis em alguns autores: o racismo e a xenofobia.

O racismo se revela na proposição de associar doenças e comportamentos a "raças", na sua hierarquização, em se conceber sempre uma divisão populacional segundo as etnias. Este racismo pode assumir formas mais grosseiras ou ingênuas ao se verem nítidos limites entre "brancos", "pardos" e "pretos", não se enxergando o branqueamento social e assimilando-se o critério, por assim dizer, oficial. Por outro lado, vigências "científicas" da época admitiam tal critério.

A xenotobia dirige-se contra o espanhol, elemento estrangeiro que detinha boa parte do comércio retalhista de gêneros alimentícios, realidade

que está por trás da cortina do anti-hispanismo. O reverso da medalha é a idealização do imigrante europeu estabelecido no sul do país.

O racismo e a xenofobia são mascaramentos ideológicos que limitam as críticas dos autores e que as fazem desviarem-se de questões estruturais como a distribuição da renda (responsável última pela incidência de certas doenças em determinados grupos) e o sistema de abastecimento alimentar.

5º) As preocupações de ordem moral aparecem em muitos trabalhos. Sem dúvida, a moralização traduz uma espécie de visão reformista, o que limita a ação de mudança ao mero nível de algumas instituições.

6º) Os temas escolhidos e uma idéia diretora, subjacente ou explícita, de moralização, de certa forma, se harmonizam com a linguagem de algumas teses. Esta linguagem não se poderia considerar como própria à comunicação científica - mesmo na época - isto é, descrição e análise objetiva ou, pelo menos, em termos sóbrios, de fatos observados. Ao contrário, os autores denotam calor e envolvimento pessoal pelo tema, quase apaixonamento. Há momentos em que assumem tom de denúncia, de acusação, no limiar do panfleto.

Mas esta verificação não invalida as teses como testemunho. Ao contrário: este extravasamento de idéias e emoções torna-as um núcleo documental precioso para a análise do pensar e sentir de um grupo sócio-profissional da cidade do Salvador na Primeira República.

NOTAS

Não se contesta aqui a legitimidade daqueles estudos nem a sua importância para o conhecimento da sociedade. O que se quer, porém, é o abandono do seu exclusivismo nas preocupações dos pesquisadores, na medida em que, por si mesmos, não são capazes de assegurar uma compreensão da sociedade. A observação, talvez, seja redundante, uma vez que a fase "genealógica" de nossa historiografia já foi superada.

2 Lima Jr., Francisco Pinheiro. *Idéias filosóficas nas teses de concurso da Faculdade de Medicina da Bahia, século XIX*. Salvador, Nós Editora, 1974.

3 A pesquisa intitula-se *Abastecimento alimentar e tensões sociais em Salvador, 1890-1930*, e acha-se em fase de redação final para ser apresentada como tese de doutoramento na Universidade de São Paulo.

4 Conforme classificação oficial da época (ver Mensagem do Governador do Estado à Assembléia do Estado da Bahia, nos anos de 1892 a 1930).

5 Santos, Mário Augusto da Silva. *Comércio português na Bahia, 1870-1930*. Salvador, Manoel Joaquim de Carvalho, 1978.

6 Almeida, Luis Oliveira. *Higiene dos pobres*. Bahia, Tipografia do Salvador-Catedral, 1908.

7 Silva, Otávio Torres da. *A Cidade do Salvador perante a higiene*. Bahia, Tipografia Moderna, 1908.

- 8 Jatobá, Hildebrando de Freitas. *Contribuição ao estudo da mortalidade infantil na Bahia*. Bahia, Imprensa Popular, 1907.
- 9 Reis, Cacilda Vieira dos. *Ligeira contribuição ao estudo da sub-alimentação dos lactentes*. Bahia, Livraria e Tipografia do Comércio, 1927.
- 10 Pereira Filho, Bráulio Xavier da Silva. *O raquitismo na Bahia*. Bahia, Livraria Econômica, 1927.
- 11 Paiva, Flávio de Oliveira. *A fome*. Bahia, Livraria Econômica, 1929.
- 12 Guimarães, Climério Ribeiro. *Considerações higiênicas relativas ao trabalho*. Bahia, Tipografia do Salvador, 1906.
- 13 Alguns exemplares são os programas de partidos operários que se formaram logo no início da República, o da Liga de Defesa Nacional de Olavo Bilac em 1916, o de alguns integrantes do Movimento Tenentista nos anos vinte, o da Plataforma da Aliança Liberal em 1930.
- 14 Miranda, Manoel Taumaturgo de. *Acidentes do trabalho: estudo médico e judiciário*. Bahia, Tipografia do Salvador-Catedral, 1909.
- 15 Gama, Cristovão Colombo da. *Higiene da tuberculose na Bahia*. Bahia, Imprensa Moderna de Prudencio de Carvalho, 1904.
- 16 Silveira, Carlos Cavalcanti da. *Aspecto social da luta contra a tuberculose*. Bahia, Tipografia Baiana de Cincinnato Melchiades, 1911.
- 17 Andrade, Francisco Freire de. *Do valor dos sanatórios na tuberculose*. Bahia, Gonçalves, Teixeira, 1911.
- 18 Matos, João Rebelo de. *Fatos e aspectos da tuberculose na Bahia*. Bahia, A Nova Gráfica, 1924.
- 19 Sarmento, Antonio de Paiva. *O suicídio na Bahia*. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1919.
- 20 Pinheiro, Domingos Firmino. *O androfilismo*. Bahia, Imprensa Econômica, 1898.

SUMMARY

A study of the dissertations defended in the Medical School of Bahia for the doctor's degree in the period between 1889 and 1930. The doctoral dissertations of social medical contents having been selected, thirteen of them were examined and analyzed, thus offering the following conclusions:

- 1) General agreement among authors as to an existent "social question" behind the problem of public salubrity: scarcity of feeding, living, and urban infrastructure resources, together with poor working conditions.
- 2) Authors draw their conclusions from "impressionistic" views of reality, with no attention to method. Some of them show a certain statistical preoccupation.
- 3) The solutions presented for the "social question" are rather distanced from the liberal model and reveal marked influences from the reforming socialist doctrines.
- 4) The following ideological traces can be discerned in the dissertations as a whole: political

and social reformism, moralism and racism.

5) The dissertations bear testimony to the way of thinking and feeling of a social-professional group of the city and can be the object of studies of a History of Ideology and Mentalities.

RÉSUMÉ

Études des thèses de doctorat soutenues à la Faculté de Médecine de Bahia, de 1889 à 1930.

Après avoir choisi les thèses de contenu médico-social, dont on a étudié 13 exemplaires on est arrivé aux conclusions suivantes:

1^o) Accord entre les auteurs quant à l'existence d'une "question sociale" derrière la question de salubrité publique: manque d'alimentation, de logement, d'infra-structure urbaine, mauvaises conditions de travail.

2^o) Sans se soucier de méthode, les auteurs se basent sur des "visions impressionnistes". Certains d'entre eux révèlent une certaine préoccupation statistique.

3^o) Les solutions de la "question sociale" s'écartent plus ou moins du modèle libéral et manifestent des influences des doctrines socialistes réformistes.

4^o) Dans l'ensemble des thèses, on perçoit les traits idéologiques suivants: réformisme politique et social, moralisme et racisme.

5^o) Les thèses témoignent les façons de penser et de sentir d'un groupe socio-professionnel de la ville et peuvent objet d'études d'Histoire d'Ideologie et de Mentalité.